

DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO, MEDIAÇÃO HUMANA E INTELIGÊNCIA

Kátia de Carvalho

Projeto de Pesquisa: Estratégias de disseminação da informação: a escrita como espaço de convergência dos processos convencionais e eletrônicos

Grupo de pesquisa: Informação e contextos

Resumo

O papel importante da disseminação da informação em relação à mediação humana. Resgata a origem histórica desse profissional no complexo processo de disseminação. Ressalta-se necessidade desse profissional no domínio de técnicas básicas como a leitura, a interpretação e reforça o papel humano no processo disseminador de qualidade, visando a demanda de informação por parte de indivíduos e grupos. Trata-se dos resultados parciais da pesquisa em andamento intitulada Estratégias de disseminação da informação: a escrita como espaço de convergência dos processos convencionais e eletrônicos que procura compreender as transformações do ato de disseminar e estudar os processos convencionais e as mudanças a partir do eletrônico. Nesse contexto, a presença importante da mediação humana, considerando o conhecimento como o cerne do problema que influencia a redefinição de novas funções na área informacional. A mediação humana nas relações, o homem como mediador em um mundo em transformação.

Palavras chaves:

Mediação humana; profissional da informação; disseminação; inteligência organizacional.

1. DISSEMINAÇÃO, VISÃO HISTÓRICA.

Mudanças no plano ético, afetivo, momento desafiador, é o que está ocorrendo no início desse novo milênio. Delineia-se um novo cenário onde ocorrem transformações nos planos econômico, social e político.

As barreiras entre o Ocidente/Oriente diminuem e embora, permaneçam certas peculiaridades, as sociedades estão cada vez mais intercomunicadas. Há uma ocidentalização do Oriente e uma orientalização do Ocidente, afirma Octávio Ianni (1996) em conferência, ressaltando entrecruzamento cultural e a possibilidade de um novo modelo civilizatório nessa chamada sociedade planetária.

Uma nova era histórica se inaugura sob o rótulo de sociedade de informação para alguns teóricos, mediática ou sociedade de exclusão para outros. Daniel Bell (1954) ao publicar a obra *Sociedade Pós-industrial* já declara acreditar na união do computador com as telecomunicações, força propulsora de uma verdadeira revolução da informação e ampliando qualitativamente o conhecimento. Para ele,

"conhecimento e informação estão se tornando os recursos estratégicos e os ajustes transformadores da sociedade pós-industrial ... da mesma maneira que a combinação de energia, recursos e tecnologias mecânicas foram instrumentos transformadores da Sociedade industrial..."

A nova ordem informacional desmistifica as redes de informação que através de redes eletrônicas, bibliotecas, arquivos e bancos de dados provocam mudanças na relação tempo e espaço, graças ao encurtamento das distâncias proveniente dos modernos meios de transportes, das tecnologias da comunicação e do espaço de ação que elege a informação como valor estratégico. Para alguns teóricos mais otimistas, a informação estará democratizada nas próximas décadas, embora esta não seja uma tendência que expresse unanimidade.

A busca constante do homem pelos meios de sobrevivência, sua interferência na natureza, ultrapassa limites e no processo de transformação vai em direção dessas necessidades para garantir a sobrevivência humana. Acumulam-se experiências, técnicas e tecnologias, mas também idéias, crenças e conhecimentos que influenciam o processo da produção humana como um processo social fortalecido pela base econômica que determina as formas políticas, jurídicas de cada sociedade.(HUHNE, 1987).

Deste modo, o profissional da informação imbuído da responsabilidade de exercer a mediação humana nos processos de disseminação da informação necessita ampliar e aprofundar conhecimentos, uma vez que a sua formação emerge, originariamente, do ambiente da biblioteca onde o processo de disseminação se origina e se consolida aos poucos.

O conhecimento nesta sociedade passa ser o cerne da questão se expressa de diferentes formas. Assim sendo, o conhecimento científico é uma das formas. A ciência passa a ser produzida a partir dos desejos e das necessidades do homem, embora os métodos científicos se modifiquem ao longo da história. Gradativamente, a ciência experimental avança desde a contribuição dos alquimistas, responsáveis pela origem da química medieval; e nesta fase amplia o conhecimento humano, incorporando um significativo legado para a humanidade - as universidades.

Vale ressaltar nesse cenário que a cultura escrita representa uma das mais significativas evoluções da era moderna e de relevância para as sociedades ocidentais. A aquisição do saber ler e escrever influencia as transformações e fortalece a delimitação de fronteiras entre o espaço privado e o coletivo e com o advento da imprensa, introduz sensíveis mudanças na sociedade.

Nesse cenário, as viagens marítimas ao romperem o enclausuramento dos ibéricos, impele-os a cruzar oceanos, o olhar estático sobre o mundo concretizado pela aventura de descobrir novos continentes, surgem redes comerciais, de circulação de mercadorias, alargando as fronteiras geográficas e o homem, paulatinamente, se conscientiza como indivíduo autônomo, questionando o contexto religioso que o aprisiona.

Redes de comunicação se configuram, satisfazendo as necessidades de transmissão de mensagens, respondendo a consolidação da ciência moderna. O conhecimento gerado altera a atividade humana. Conseqüentemente, a sua produção tende a se organizar e com ela, a necessidade de sistemas de disseminação que atendam a essa nova realidade. A escrita fixa o texto como meio de comunicação e a imprensa passa a *disseminá-los*. Ambas guardam o registro escrito original e probatório. Outro fator inovador, concernente à validação das observações no campo científico soma-se à divulgação das idéias religiosas, permitindo que a imprensa interagindo com a religião e a ciência, reafirmem os seus papéis.

Tendo a cultura escrita nascido na base da religião se afirma como a difusora da fé e por sua vez, encontra na imprensa, os meios necessários para ampliar o seu poder de dominação. Pela dos evangelhos desencadeada pela Bíblia o que estimula o aparecimento do leitor que se comunica com Deus por meio da escrita, sem grande dependência da mediação da igreja. A Bíblia é o primeiro meio de comunicação da informação que usa a *disseminação* para legitimar a fé religiosa.

No século XVII, a ideologia do iluminismo dá um novo significado a palavra escrita. A divisão da Europa em estados nacionais define os espaços internos e favorece o comércio livreiro. Surge em seguida, o periódico contribuindo para redefinir novas funções no campo informacional. O livro deixa de ser considerado objeto sagrado para adquirir o sentido de objeto de consumo.

A produção do conhecimento, o crescimento da produção livreira, redesenham uma nova sociedade cada vez mais exigente que reivindica a organização dessa produção. A citada organização exige, a criação de sistemas de classificação competentes para a sistematização do saber. Até então, não se vincula a importância do livro como objeto de arte, à função de proporcionar acesso conhecimento. Assim, a imprensa vem fortalecer a palavra escrita que por meio do livro serve também a esse propósito, em formatos característicos, dependendo dos suportes, manuscrito, pergaminho, recortado ou em folhas soltas, costuradas ou coladas e recobertos por capas duras.

O período setecentista é indiscutivelmente marcado por uma atividade intelectual relevante, proporcionando os primeiros passos para a definição de uma estrutura básica, que se introduz com o aparecimento das bibliografias, das enciclopédias e dos periódicos, imprescindíveis para o crescimento das estratégias de disseminação fortalecida pela reprodutibilidade técnica que exige métodos e metodologias para a efetiva disseminação da produção humana.

Inicia-se uma nova era e uma fase de crescimento rico e fecundo da história da humanidade. A imprensa legitima o apogeu da comunicação formal, impressa, baseada nas tecnologias sucessivas e levam os estudiosos a desenvolverem técnicas de tratamento e organização desse conhecimento produzido. Assiste-se a consolidação das obras de referência que constituem o cerne das coleções existentes nas bibliotecas e serviços de documentação e

de informação. A *disseminação* passa a ser irradiada a partir dessas coleções e os serviços existentes elegem a *disseminação* da informação como atividade essencial.

É na biblioteca que a *disseminação* de informação se inicia e sob a influência iluminista, emerge do espaço consagrado à literatura, com vistas à socialização do livro e, conseqüentemente, estimulando a leitura. Proliferam as bibliotecas particulares e as Academias* literárias e científicas ampliando os espaços destinados aos impressos. Ter uma biblioteca particular significativa possuir um determinado nível cultural e social na sociedade. Na esfera pública, fundar uma biblioteca era tornar público o respeito e culto ao livro- fonte do saber.

Ao aproximar-se o terceiro milênio, o livro e o impresso em geral, convivem com outros meios de comunicação, prevalecendo a força da palavra escrita. A difusão da cultura, o consumo resultante do desenvolvimento econômico e técnico, tende a influenciar a sociedade mutante. Michel Certeau (1994, p.261) afirma que por meio da elite se atinge a remodelação da nação apoiada na vulgarização escolar transformadora dos hábitos. Este processo abre novas perspectivas e os meios de difusão se sobrepõem às idéias, o meio em vez da mensagem. Mas, persiste o texto, seja ele impresso, radiofonizado, televisionado ou eletrônico.

Contudo, é nas bibliotecas, nos centros de documentação e pesquisa que se aprofunda a reflexão e a implantação de serviços especializados visando a ampliação da disseminação da informação como função primordial.

Historicamente, *disseminação* da informação associada à biblioteca, especialmente a biblioteca especializada, impõe a necessidade da organização interna, notadamente, dos serviços de seleção, avaliação e referência, com o fim de comunicar a informação contida no documento ao usuário, sem que haja a necessidade da busca do documento, com o fim de

* Vale ressaltar o papel do Marquês de Pombal que ao estimular a criação das academias dos Seletos, em 1752, dos Renascidos em 1755 e a Academia Científica em 1772.

mantê-lo informado, com a maior rapidez possível. Mais tarde, o objetivo desses serviços extrapola do documento para a informação, fato visível na história das instituições. Entre vários exemplos, vale destacar o caso do Instituto Brasileiro de Documentação (IBBD) que em determinado momento altera o seu nome para Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica - IBICT. (FOSKETT, 1969).

Ao serem fortalecidas as estruturas dos serviços de disseminação de informação cresce o papel do profissional da informação. A formação desses profissionais passa a ser função dos cursos de Biblioteconomia que investem nos princípios de organizar bibliotecas contendo conjunto de normas e preceitos relativos à organização, disposição, conservação e ordem da biblioteca, sendo a classificação de acervos a questão nodal. O primeiro livro de biblioteconomia surge em 1627, intitulado, *Advis pour dresser une bibliothèque* de Gabriel Naudé. Até então, as bibliotecas atuavam de modo empírico, sendo anteriores aos livros e até aos manuscritos e armazenavam em diferentes suportes. Existiam as bibliotecas minerais que abrigavam tabletes de argila, bibliotecas vegetais e animais, formadas de pergaminhos e rolos de papiro. Mas é o Egito que se notabiliza por possuir as primeiras bibliotecas que se tem notícia.

O verdadeiro sentido e a importância da circulação, da disseminação do conhecimento se revela expressivamente por meio do trabalho dos copistas quando duplicavam as obras dos autores gregos. Na Grécia, a criação da primeira biblioteca foi atribuída a Psístrato (560-527 a.C.) e pouco se sabe sobre as bibliotecas gregas, presume-se que tenham sido transferidas para Alexandria ou talvez não existisse interesse em guardar livros. Há alguns registros sobre coleções particulares, como a de Aristóteles. Os romanos, ao contrário, se dedicaram a formar bibliotecas entre as mais importantes, a Ulpiana, fundada por Trajano e a Palatina, integrantes das 28 bibliotecas públicas existentes em Roma, no século IV. O funcionamento do serviço de empréstimo sugere a intenção de disseminar

informação para conhecimento. Alguns autores acreditam que a primeira biblioteca italiana, tenha sido a Ambrosiana, localizada em Milão, enquanto outros especialistas citam a Vaticana, onde existiam apenas manuscritos, sendo os livros tipográficos, integrados à coleção, mais tarde, em 1465. Somente nas bibliotecas da Idade Média, os suportes mudam, contudo, o funcionamento permanece o mesmo. Até o Renascimento, as bibliotecas funcionam em ambientes religiosos, sagrados e fechados em virtude de estarem associadas ao proibido, ligadas ao Demônio e assim, a biblioteca se confunde com um depósito de livros.

No final da Idade Média, as bibliotecas monacais, as universitárias e as públicas se multiplicam. A partir do século IX, as bibliotecas capitulares localizadas nas igrejas começam a proliferar, atendendo à necessidade de ter livros ligadas às atividades de ensino. Quanto às bibliotecas bizantinas estas são importantes pela influência que tiveram no movimento renascentista.

Entretanto, as bibliotecas universitárias são as que, realmente, têm uma significativa importância no período medieval. Historicamente, as primeiras universidades eram continuação das ordens eclesiásticas, como as pertencentes às ordens religiosas dos monges franciscanos e dos dominicanos e esses entre outras atividades se dedicavam à cópia de livros com o fim de disseminar o pensamento dos filósofos da Antiguidade Clássica. A partir do século XV, estas bibliotecas se desenvolvem e às vésperas do Renascimento, o livro impresso, profissional/bibliotecário e o crescimento científico se destacam nesse cenário. As bibliotecas particulares, para Edson Nery da Fonseca, foram os primeiros frutos do iluminismo, porque permitiam a entrada de livros sobre a *crise da consciência européia*.(FONSECA, 1979 p.18).

São características das bibliotecas modernas as transformações gradativas que se expressam na democratização, especialização, socialização e laicização. Aberta ao público, a biblioteca cumpre a função de atender a todos os gostos e, por isso, as coleções especializadas se impõem seguida da socialização marcada pela conscientização social, procurando dar

dinamicidade à sua ação. As obras de Referência e os estudos sobre a Bibliografia são exemplos da moderna organização das bibliotecas.

Pierce Butler (v. XII, p. 660) estudando as bibliotecas, religiosas, universitárias e as pertencentes às corporações ou sociedades particulares e às públicas, percebe as sutis mudanças e afirma que: *O conteúdo dos livros ganha circulação geral na sociedade pela mediação de especialistas individuais*. Vale ressaltar que Paul Otlet (1934) teve um importante papel nesta longa caminhada. Otlet idealizador do FID - Federation International de Documentation, em 1895, procura de forma precursora, o controle bibliográfico por meio de um repertório mundial do conhecimento, concebido em fichas catalográficas, tecnologia disponível na época. Em 1914, “o Repertoire Bibliographique Universel”, formado por um cadastro significativo em fichas e o Instituto Internacional de Bibliografia possuía 700 membros. Ambos os autores trabalham acreditando na função disseminadora da biblioteca.

Desenvolve-se a CDU - Classificação Decimal Universal, contando com a colaboração de Henri La Fontaine (1854-1949), A partir da Classificação Decimal Universal, Otlet já prenuncia o desenvolvimento de tecnologias futuras que permitiriam realizar tarefas rotineiras de caráter intelectual. O caos documentário, no início deste século, denominação dada pelo inglês Bradford que assim interpretou a explosão da informação, revoluciona o universo documental. Em síntese, a transferência, e disseminação da informação, desde a época clássica até a medieval, ocorrem entre os filósofos de forma oral e por correspondência. Mais tarde em meados do século XVII, acentua-se a troca de cartas entre os primeiros cientistas – Kepler, Copérnico, Galileu, Francis Bacon, tendo este último criado a expressão “*Colégios Invisíveis*”, para denominar os grupos de cientistas que se comunicam entre si, em torno de interesses comuns. Nasce aí, a comunicação informal que potencializa o aparecimento de novos processos de disseminação da informação.

Com os periódicos se assegura a atualização das atividades de investigação. A lei da dispersão de Bradford, importante para estudos de avaliação de coleções, expressa a preocupação de divulgar artigos sobre o assunto que aparecerem em periódicos de outras áreas. Isto requer uma ação precisa do agente de informação para disseminar corretamente o assunto gerado, garantindo a confiabilidade necessária. Para evitar estas dispersões, o Sistema de *Disseminação Seletiva da Informação* (DSI) criado por Luhn, em 1960, tem o objetivo de fornecer informações mais seletivas, evitando a pesquisa do usuário. A informação seletiva corrente feita por meio de processos especiais facilita a pesquisa e a leitura. Para que a *disseminação* se processe com eficácia, a seleção das obras é o primeiro passo, envolvendo publicações internas e externas. Para tanto, o uso da linguagem artificial determina termos escolhidos, portanto, o uso de um Thesaurus ou linguagem controlada.

Para compreender "O universo repleto de informação", Nery de Fonseca (1996 p.337) sugere fixar o interesse nas representações. Deste modo, o exemplo mais concreto são as Bases de Dados, transformadas por meios eletrônicos. A informação é o conteúdo de uma mensagem que resulta em uma ação e se transforma em conhecimento. Assim, a disseminação acaba por ter a necessidade de estar organizada.

A *disseminação*, do latim "*disseminatore*"(HOLANDA, p.482), quer dizer: ato ou efeito de disseminar e dispersão, difusão, distribuição, vulgarização, entre outras denominações. Visa a organização de um sistema corrente de informação cujo processo consiste em suplementar a informação através de uma leitura adicional, afastando do usuário o material que não seja do seu interesse e dando acesso as informações relevantes. Trata-se de um processo que reúne pessoas e serviços, o autor da informação, os pesquisadores em busca da informação, os indexadores, os serviços de divulgação, o fornecimento dos documentos e o usuário.

Com a organização eletrônica da informação, os processos tradicionais proporcionam níveis importantes de competência. Vale ressaltar, que a *disseminação* da informação baseada em coleções bem constituídas, se bem selecionadas, atingem os seus objetivos, uma vez que exercida a partir da atividade humana. Deste modo, as coleções de referência criam condições para atenderem às necessidades cognitivas e isto somente é possível mediante os competentes conhecedores das coleções - os profissionais da informação.

Deste modo, desde as origens o mediador é importante nesse processo. A década de 90 define um novo perfil neste campo, mas permanece a busca cada vez mais ansiosa e frenética do conhecimento - a busca do conhecimento com ênfase na estrutura/informação. A biblioteca não é mais a única responsável pelas coleções, mudando o foco do documento para a informação a busca se realiza nas bibliotecas e através das redes eletrônicas.

O desenvolvimento da arte de disseminar impulsiona o aparecimento de serviços inovadores: as bases de dados, os serviços de SDI; os programas de busca, o uso dos meios de comunicação, controle de custos entre muitos serviços decorrentes da necessidade de ter acesso ao conhecimento. Três segmentos parecem ser preponderantes: o uso adequado dos meios de mediação tecnológica, as fontes de informação e de comunicação e a mediação humana no processo de disseminação da informação. Vale ressaltar que o sentido de disseminar sempre esteve articulado à formação e organização de acervos através da mediação humana. Ressalta-se esta função nos novos ambientes das organizações onde a disseminação da informação se desenvolve com o apoio incontestado das tecnologias da informação.

2. MEDIAÇÃO HUMANA

Os primeiros sinais do uso da mediação aparecem na primeira década do século XX e retorna à cena, nos anos 70, nos Estados Unidos. Por questões econômicas, sob a influencia da guerra dos Sete Dias as bibliotecas passaram a serem vistas nas empresas de pequeno e médio porte, como onerosas, o que levou à supressão de determinados serviços considerados dispensáveis e, conseqüentemente, necessidade de redução dos quadros profissionais.

Alguns autores como Rodwell (1987), Lennon e Pugsley (1990) dedicaram-se a estudar a existência de bibliotecas nas empresas. Nesse contexto, a diminuição de estruturas biblioteconômicas não significa que o meio empresarial deixou de valorizar a importância da informação, pelo contrário, o olhar recai sobre a importância da informação em detrimento do documento, resgatando a importância da informação como recurso estratégico.

A crise no emprego provoca o aumento das atividades alternativas de trabalho e nesse sentido, a classe profissional busca novos conhecimentos compatíveis com as exigências da sociedade. Notadamente no segmento empresarial ocorre a busca de novos perfis profissionais, sendo a universidade questionada e motivada a criar novos cursos de Pós-graduação para capacitar novos trabalhadores do conhecimento. Gradativamente, as estruturas de informação no interior do meio organizacional, em diferentes países, revelam-se sensíveis ao papel do mediador da informação.

Patrícia Marchiori (1989) admite que os bibliotecários americanos formaram o primeiro grupo desses mediadores. Assiste-se a um crescimento de outros profissionais, oriundo de diferentes áreas, exercendo essa mediação. Entre eles, economistas, administradores, engenheiros, cientistas da informação e também bibliotecários e o mercado

assimila as consultorias voltadas para a produção, transferência, disseminação e uso da informação.

Esse novo profissional que atende pelas denominações de agente de informação, consultores, especialistas, trabalhadores do conhecimento (DRUCKER, 2000) volta os seus interesses para a aprendizagem continuada, desenvolvendo aptidões relativas ao gerenciamento, planejamento estratégico e marketing com o objetivo de atingir a capacitação do indivíduo com relação ao uso da informação inteligente, necessária para a tomada de decisão nos espaços competitivos. Esse mediador vem sendo descrito como aquele que combina o caráter empreendedor, o talento, a criatividade, permitindo ultrapassar as técnicas e ferramentas utilizadas no ambiente competitivo. (CARVALHO, 2002).

Vale ressaltar, que o uso da informação como inteligência nas organizações, baseia-se nos Fatores Críticos de Sucesso dentro de uma visão de planejamento estratégico. Nesse caso, a inteligência competitiva e a gestão da informação vêm estimulando o aparecimento de técnicas e ferramentas, notadamente as utilizadas pelos profissionais que lidam com a informação. O bibliotecário, o cientista da informação, convivem com outros profissionais em um ambiente competitivo, embora, tendo já uma tradição no que se refere ao conhecimento da área. A propósito, a biblioteca sendo o mais antigo sistema de informação que se tem notícia na história humana, vem acumulando ao longo dos séculos, metodologias e técnicas, desde a entrada do documento no acervo até a disseminação da informação. Necessita-se, portanto, garantir o domínio das tecnologias da informação de forma adequada.

O novo profissional da informação necessita ter um perfil de empreendedor e ser competitivo, mas também devem ter conhecimento mais abrangente saber acompanhar o fluxo da informação e principalmente, necessita aprender a aprender. Para exercer esse papel, alguns pontos devem ser priorizados: o conhecimento do documento; o suporte onde está contida a informação, considerando ser o documento o registro que permite a construção da

historia do homem, transferindo essa continuidade da sua historia às gerações sucessivas; por outro lado, esse mediador necessita ter domínio da leitura, boa interpretação de textos e serem indivíduos criativos.

Entretanto, o ponto nevrálgico do problema reside na formação desse profissional que conhece a ruptura entre um conhecimento milenarmente construído no domínio das ciências humanas e os novos parâmetros construídos em uma realidade tecnológica, sem que haja a adequação de ambas para que se formem profissionais críticos. Deduz-se que documento, conhecimento, informação, compreendidos como sendo da área das ciências do homem passam a ser explicados a partir dos estudos da máquina, do comportamento do suporte tecnológico em um território que pertence à natureza humana.

No atual contexto, o conhecimento representa o cerne da competência do individuo, sendo “conhecimento resultado da aprendizagem quando utilizado para algum fim, especificamente para gerar novas idéias resolver problemas ou tomada de decisão” O principio da inteligência se propõe a ampliar o autoconhecimento critico das organizações em relação aos negócios, alimentando as decisões com o objetivo de reduzir incertezas considerando duas categorias relativas ao conhecimento: conhecimento teórico, aquele adquirido mediante os sistemas formais de informação, a exemplo da escola; conhecimento prático resultante da experiência profissional e que formam os manuais de rotinas e os sistemas especiais. (VIEIRA, 1993).

O mediador sendo um profissional que lida com a disseminação da informação, é o individuo que lidera o processo inteligente estabelecendo um plano de coordenação, de decisões organizadas, de sistemas de informação e de tecnologias. Os objetivos se direcionam para o ambiente competitivo, visando a agregação de valor de sua organização no seio da sociedade. Fortalece-se o ambiente da organização, ocasionando uma relação estreita entre produtividade, informação e tecnologia. Para isto, faz-se necessária a participação humana

nesse processo que valida um papel de filtragem da informação na organização, dando ênfase ao compartilhamento, visando a disponibilização de informações com valor agregado para atingir o bom desempenho do poder decisório da organização. A inteligência humana se apropria das tecnologias procurando ultrapassar desafios em benefício da sociedade e este é um longo caminho a ser percorrido.

REFERÊNCIAS

- BELL, Daniel. **A sociedade pós-industrial**. São Paulo, Cultrix, 1954
- BUTLER, Pierce. Public Libraries. In: Encyclopaedia of the Social Sciences v. XII, p.660
- CARVALHO, Kátia de. O profissional da informação: o humano multifacetado. **Data gramazero. CI. Inf.** v.3, n.4, outubro, 2002.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Trad. de E. F. Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 261
- DRUCKER, P. **Desafios gerenciais para o século XXI**. São Paulo, Pioneira, 1989. 166p.
- FONSECA, Edson Néri. A biblioteconomia brasileira no contexto mundial. Brasília, INL/MEC; RJ, Tempo brasileiro, 1979
- FOSKETT, D. J. **Serviço de informação em bibliotecas**. Trad. de Briquet de Lemos. São Paulo: polígono, 1969
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- HUHNE, Leda Miranda et al. **Metodología científica**. Rio de Janeiro: Agir, 1997
- IANNI, Octavio. **O mundo globalizado**. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 1996 (Conferencia)
- MARCHIORI, Patrícia Z. Profissionais da sociedade de informação: information broker. **R. bras. Est. pedag.** Brasília, v.80, n.194, p.164-173, janeiro/abril. 1989.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 2. ed. São Paulo: Atica, 1996
- NONAKA, I & TAKEUCHI, H. **criação dos conhecimentos na empresa: como empresas japonesas geram a dinâmica de inovação**. Rio de Janeiro: Campus, 1957.
- OTLET, Paul. **Traité de la documentation: le livre sur le livre**. Bruxelles, Mundaneum, 1934. 432 p.

POLANYI, M. **Personal Knowledge**: Chicago. University of Chicago, 1958

PUGSLEY, & LENONN, R. A report on the status of fee & based information Sbrokering in the United States of America. **Infomediary**, v.4, n.1, p.13-32, may, 1990

RODWELL, D. Information Brokers: a future in the information market place? **Information and Library Manager**, v.6,n.4, p.87-103, mar. 1987.

SVEIBY,K.E. **A nova riqueza nas organizações gerenciando e avaliando patrimônios do conhecimento**.Rio de Janeiro: Campus, 1998.

VIEIRA, A.de S. Conhecimento como recurso estratégico empresarial. **CI. Inf.** Brasília, v.22 n.2, p.99-111, maio agosto, 1993.